

EDUCAÇÃO DO CAMPO: A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE EM ESCOLAS DO OESTE POTIGUAR

Sara Hanany Alves Ferreira; Maria Eliane Fernandes de Oliveira; Orientadora: Micaela Ferreira dos Santos Silva

Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA, sara.hanany@gmail.com; Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA, elianeoliveira3353@gmail.com; Secretaria Estadual de Educação e Cultura – SEEC/RN micaelaferreira23@gmail.com.

Resumo: No Brasil, a relação Campo e Cidade, historicamente, foi marcada por contrastes. Estas discrepâncias se mostram, principalmente, no que se refere ao cenário educacional. A Zona Urbana se sobressai por ter mais políticas de investimentos em desenvolvimento, tecnologias, formação, dispendo, portanto, de mais avanços. Esta pesquisa visa entender a relação de escola do Campo com escola da Cidade. A partir deste princípio, tentaremos investigar se em duas escolas do Oeste Potiguar há, verdadeiramente, diferença quando interligamos campo-cidade. Esta é uma pesquisa qualitativa de abordagem exploratória em que foram realizados estudos de caso em uma escola do Campo e em uma escola da Cidade. Como coleta de dados, utilizamos a observação participante e entrevista semiestruturada. A pesquisa partiu de Relatórios de Experiências desenvolvidos na disciplina de Práticas Pedagógicas II do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC/UFERSA. Sentimos a necessidade de analisar a relação Cidade-Campo para pensarmos e construirmos novos conhecimentos. Este trabalho poderá servir como base para conhecer a realidade do local, como também de fortalece as pesquisas que interligam campo-cidade dentro da região Oeste-potiguar. Dessa maneira, o trabalho teve o objetivo de mostrar que cada realidade têm suas necessidades e fragilidades, seja no Projeto Político Pedagógico, na estrutura, na organização do local, na gestão, nas práticas pedagógicas. No entanto, cabe à equipe pedagógica pensar estratégias que consigam tratar do contexto da comunidade escolar e a realidade dos sujeitos como ponto de partida para pensar a prática educativa.

Palavras-chaves: Campo-cidade; Projeto Político Pedagógico; Meio escolar; Docência; Prática pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

Vivenciamos, diariamente, grandes diálogos entre posicionamentos diferentes sobre o Campo e a Cidade, sejam elas no quesito paisagem, culturas, tradições, ou até nas pessoas que residem nesses dois cenários. E, dentro dessas distintas diferenças seguiremos a vertente da educação, especificamente as propostas pedagógicas oferecidas e realizadas em escolas da Cidade e do Campo, apontando se há diferenças ou não, os pontos em comum e os casos de exclusão ou vulnerabilidade existente. Tomaremos como base relatórios de experiências, os quais são referentes a uma proposta pedagógica da disciplina de Práticas Pedagógicas II, do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC/UFERSA como também pesquisas bibliográficas que usamos durante a disciplina e em outros estudos.

Acerca desse tema, os atores Arroyo, Caldart e Molina (2004, p. 10-11) relatam que:

A escola do meio rural passou a ser tratada como resíduo do sistema educacional brasileiro. [...] O debate da relação campo-cidade perpassa todas as reflexões da Educação do Campo. [...] Nas últimas décadas consolidou-se um imaginário que projetou o espaço urbano como caminho natural único do desenvolvimento.

Assim, objetivamos nesse artigo (I) observar através dos dois Relatórios de Experiências desenvolvidos no Campo e na Cidade e perceber as relações e metodologias utilizadas nos diferentes espaços, (II) identificar se algum momento os espaços valorizam os conhecimentos prévios dos educandos em suas aulas. (III) Identificar se os mesmos utilizam elementos ligados a vivências para explicar os conteúdos das disciplinas, para assim poderem contextualizar, pois, segundo Paulo Freire (1996) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (IV) Entender o papel do Projeto Político Pedagógico - PPP¹ nas escolas, e (V) como é a situação estrutural das mesmas.

As escolas estudadas foram: a Escola Estadual Aida Ramalho Cortez Pereira, localizada na cidade de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte (Zona Urbana). Esta escola atende o público do Ensino Médio e funciona nos horários matutino e vespertino. A instituição recebe um grande número de alunos de zonas rurais circunvizinhas; e a Escola Municipal Genildo Miranda, localizada no Sítio Lajedo (Zona Rural de Mossoró-RN), estrada de Alagoinha. Esta escola atende alunos/as do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) nos turnos matutino e vespertino.

Vemos que é de fundamental importância à construção de trabalhos como este, que tragam os diálogos, que produza uma ligação entre teoria e prática, e que possa falar tanto do campo como da cidade como lugares que consigam formar cidadãos sem dentições.

2. EDUCAÇÃO DO CAMPO: uma educação do povo e para o povo

O diálogo em torno da Educação do Campo, nos últimos anos, se tornou algo bastante pautado em vários cenários educativos e políticos, por ser uma das pautas relevantes dentro dos Movimentos Sociais brasileiros que lutam por direitos melhores para todos. Como é o caso da educação como direito fundamental, que também é uma luta do “patrono” da educação brasileira Paulo Freire. O autor carrega e expressa em suas palavras a luta dos oprimidos e da classe trabalhadora, onde expressa que os camponeses “[...] não devem ser

¹ O Projeto Político Pedagógico é um plano construído pela comunidade escolar para o desenvolvimento do ano letivo.

considerados como ‘vasilhas’ vazias nas quais se vá depositando o conhecimento dos especialistas, mas, pelo contrário, sujeitos, também, do processo de sua capacitação” (FREIRE, 1981, p.26).

Percebemos, a partir dos estudos e vivências que a educação do povo do campo é algo que, ainda nos dias atuais, está longe das realidades vivenciadas no dia-dia pelos sujeitos que ali pertencem. Tornando-se uma educação “remanejada” por alguns órgãos, os quais são compostos por sujeitos alheios a realidade e sem nenhum pertencimento. Enxergamos os avanços em relação às políticas públicas voltadas para a Educação do Campo, mas ainda assim, ditam os meios de ensino que devem seguir os conceitos de uma classe que tem poder aquisitivo e presam por ele, e acabam desconsiderando os conhecimentos regionais e a multiculturalidade existente no amplo contexto da Educação do Campo.

Partindo para uma análise da Lei de Diretrizes e Base que rege a educação brasileira (LDB) nº9.394 do ano de 1996, podemos ver que ainda há poucos pontos que falam da Educação do Campo. Encontramos no seu art. 28, que foi fruto de lutas camponesas, e nela estabelece que: “Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região”.

Elencado no art. 28 da LDB, estão três incisos, que definem as diferentes estratégias que devem ser desenvolvidas no ensino nas escolas do Campo: o currículo é obrigatoriamente modificações, juntamente com as metodologias de ensino tendo que ser verdadeiramente trabalhado e contextualizado com as vivências, o calendário escolar poderá ser modificado, para, por exemplo, não coincidir com as épocas de plantio, assim não impedindo que os alunos estejam na aula.

E toda essa mudança acontece porque quando pensamos a Educação do Campo vamos muito além do cenário, vamos pensar em um povo, uma realidade, desafios, muitas histórias, tradições, culturas, e ainda será muito pouco para dar sua real significância, mas é a partir dessa perspectiva, de vários sentidos e diferentes particularidades, que iremos aprofundar o assunto, agora com um olhar voltado à educação como uma perspectiva de libertação (FREIRE, 1981).

Mas será que todo esse arranjo de normas e valores então sendo seguidos verdadeiramente nas escolas campo da região Oeste potiguar? E existiria uma realidade entre as escolas do campo e as escolas das zonas urbanas da mesma região, sendo assim legítima e uma educação feita pelo povo para o povo?

Assim como Paulo Freire, há uma vasta linha de autores que descreve e escreve sobre a Educação do Campo, e fazem com que o assunto seja levado e debatido principalmente nas universidades, que também é um espaço de luta, onde cada vez mais é possível pertencer com “igualdade” aos alunos camponeses. E enquanto sujeitos do Campo, temos as vivências e o pertencimento para refletirmos, analisarmos e relatar tais diferenças e comparações, pois esse é o nosso papel como educandas do campo, de uma licenciatura formada por diferentes contextos sociais, e esse “confronto” com a realidade, necessário para a construção do conhecimento, já que para a formação de futuras docentes do Campo é de suma importância tais experiências.

3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

É de fundamental importância para a formação dos professores que haja experiências, durante a graduação, com o meio escolar, e para que tal situação aconteça, devem ser desenvolvidas práticas pedagógicas eficazes e que desenvolva uma lógica que conduza o graduando a entender o meio escolar e a sua diversidade. Sabemos que suas atuações nem sempre serão familiares aos seus costumes, pois são locais com uma série de variações que dependem muitas vezes de adaptação para que funcione. Como a escritora Tereza Faria diz em suas palavras:

No processo ensino-aprendizagem entrelaçam-se sentimento, pensamento, valores, crenças, imaginação, ações. Nesse sentido, parte-se da necessidade de garantir uma educação estética da formação docente, ou em outras palavras, de garantir uma educação da sensibilidade. (2010, p.25)

Partindo dessa lógica de práticas pedagógicas inovadoras, iremos relatar o nosso primeiro contato com uma escola, e como foi realizada tal prática no ambiente acadêmico. A proposta inicial desta prática foi analisarmos escolas que fossem do nosso convívio e selecionarmos uma, e que a partir dela conseguíssemos entender como funcionava nos meios legais de ensino.

Começamos assim com essa breve escolha, na qual todos que cursaram a disciplina de Práticas Pedagógicas II, lecionada pela professora Micaela Ferreira, tivemos o prazer de escolher escolas próximas da nossa realidade, como escolas de assentamento, escolas de vilas, escolas de comunidades quilombolas, escolas do campo e também escolas da cidade, mas todas localizadas na região do Oeste potiguar. A localização das escolas não foi um pré-requisito, mas a ideia era que conhecêssemos a realidade das escolas que estão no nosso

contexto. A LEDOC é um curso formado por pessoas da região e de comunidades circunvizinhas de Mossoró, cidade do campus central da UFERSA².

Iniciamos a sondagem das escolas e, logo após a escolha, foi emitido um ofício encaminhado para a gestão. A documentação entregue às escolas era para que cada educando/a acompanhasse professores/as e pudesse observar como era o desenvolvimento das aulas, podendo assim coletar dados enquanto observador das práticas de ensino, do comportamento dos alunos, os conteúdos, o Projeto Político Pedagógico e o ambiente escolar como um todo.

No cenário escolar e para construção do Projeto Político Pedagógico o/a professor/a é de fundamental importância, pois sua prática em sala de aula será criada e readaptada segundo o que acha necessário diante da realidade da comunidade escolar e dos/as educandos/as.

Após o período de observação, que aconteceram durante o decorrer da disciplina, por orientação da professora, iríamos encerrar as atividades na escola com uma entrevista semiestruturada com os sujeitos da escola. As entrevistas focariam na construção e atualização do Projeto Político Pedagógico. Caso a instituição permitisse, ter o acesso ao documento, para que assim então, fosse possível fazer uma análise mais detalhada sobre o documento e o funcionamento da escola.

4. RELAÇÃO CAMPO-CIDADE: uma análise comparativa

Nossa primeira escola a ser relatada será a Escola Municipal Genildo Miranda. Uma escola no Campo que fica localizada na Comunidade de Alagoinha, Zona Rural da cidade de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte. A escola está localizada há cerca de 23 quilômetros de distância da Zona Urbana. A sua escolha foi feita por ser uma escola onde já tivemos experiência enquanto estudante na infância e adolescência. Deste modo, pudemos estar refletindo sobre a realidade da escola na perspectiva de futuras educadoras do Campo, com o olhar mais “aguçado” para determinadas situações. Conhecendo com o sentimento de pertencimento àquele meio, pois antes de aprendermos a característica de outro local é de fundamental importância que antes conheçamos aquele a que nós pertencemos.

No primeiro contato com a escola fomos muito bem recebidas pela gestão escolar, e pelo professor a qual fomos observar. Constatamos que alguns problemas surgiram antes que conseguíssemos fazer as observações. O primeiro deles foi conseguir uma cadeira para que

² Universidade Federal Rural Do Semi-Árido.

podéssemos acompanhar a aula, pois o próprio professor já dividia seu pequeno birô com um aluno. Percebemos que faltava espaço para que pudéssemos nos acomodar e realizar a observação. A sala de aula desta escola é muito pequena e não tem ventilação. Vimos, também, entre outros problemas, que o quadro estava quebrado.

Reforçamos, desse modo, que a estrutura física desta Escola do Campo está aquém do que é desejado para garantir o mínimo conforto para a comunidade escolar. Esta é uma questão que influencia bastante no processo de ensino e aprendizagem.

No acompanhamento das práticas pedagógicas docentes, acompanhamos um professor que lecionava a disciplina de Matemática nesta escola. Inferimos que mesmo diante de todas as dificuldades relatadas, ele ainda conseguia muito proveito e atenção dentro da sala de aula. Este professor utilizava vários recursos didáticos para ministrar suas aulas. Constatamos que suas aulas atraíam a atenção dos estudantes, sendo possível observar que a turma gostava muito do professor e do que ele ensinava, assim participavam e prestavam atenção das aulas.

Ser professor/a do Campo, por exemplo, exige, além de qualquer coisa, a intencionalidade. É necessário motivação e interesse para superar as barreiras estruturais e avançar nas práticas de ensino para que o processo de aprendizagem se torne satisfatório para os/as educandos/as.

Uma das formas que o referido professor usou para que sua aula se tornasse mais dinâmica, foi o uso de jogos interativos, que dialogava com o conteúdo proposto, tentando também contextualizar um pouco com a realidade dos alunos usando elementos da vivência dos mesmos como, por exemplo, quando vai fazer a adição de elementos, usava as frutas locais como caju, melão, melancia, manga, etc. Isso se torna surpreendente, já que o mesmo que não pertence da comunidade, e mora na área urbana de Mossoró.

Nesse sentido, podemos relacionar essa experiência com os pensamentos Cardoso, Del Pino e Dorneles, onde dizem que:

A relação de exterioridade mantida pelos professores em relação aos saberes curriculares, disciplinares e da formação pedagógica faz com que valorizem ainda mais os saberes experienciais visto que é sobre eles que os professores matem o controle, tanto no que se diz respeito a sua produção quanto a sua legitimação. (2012, p.03)

Sobre a organização do pequeno espaço, notamos que os/as alunos/as eram bem comportados. Existia uma espécie de acordos criados pelo professor em conjunto com a turma, em relação ao uso do banheiro e a saída para beber água. Os acordos eram cumpridos na coletividade para que a aula funcionasse.

O professor ensina matemática nesta escola há treze anos, mas ele ainda assume outras tarefas na escola além da sala de aula, ele coordena todos os projetos que a escola realiza como, por exemplo, a feira de ciências, a semana cultural, entre outras atividades. O que torna o mesmo muito querido por todos da escola.

Um ponto que não passou despercebido nas observações foi à questão da estrutura da escola. Percebe-se que a mesma não tem a menor condição de estar funcionando. Parece ser alarmante relatar isso, mas é importante, pois ao ver o prédio, observamos que a sua estrutura está totalmente comprometida. As salas estão com os quadros quebrados, janelas quebradas, cadeiras insuficientes, banheiros com portas quebradas, salas muito pequenas sem qualquer ventilação, paredes rachadas.

Segundo relatos dos alunos, quando chove a situação fica ainda mais difícil, pois as paredes dão choque. O único bebedouro que a escola dispõe está totalmente danificado com bastante ferrugem, entre outros problemas enfrentados pela mesma. Essa situação é expressa pela própria instituição, onde no PPP estão bem claro todos os pontos considerados inadequados.

No último dia de observação focamos no PPP, pois o mesmo não estava disponível impresso, estava no arquivo do computador da escola, pudemos detectar que o mesmo não estava atualizado. Datava o ano de 2015, e com muitas partes em destaque, que segundo a coordenadora, é o que deve ser modificado. Outro aspecto interessante é que no Projeto Político Pedagógico podemos observar a precariedade da escola desde o quadro de funcionários até aparte estrutural. O quadro de funcionários está incompleto, faltando professores, não tem secretário, entre outros funcionários.

A gestão escolar tenta seguir o PPP escolar, realizando algumas atividades programadas, porém muitas vezes se ver impossibilitada devido às condições precárias na qual a escola se encontra. Direção e professores falam com muito entusiasmo do novo prédio da escola que está em construção.

Todos esperam ansiosos pela entrega do prédio que será feita pela prefeitura. A mesma deu o prazo de entrega para o ano 2018, mas essa é uma antiga promessa que vem de vários anos atrás, e por esforço da comunidade, e dos parentes dos alunos, conseguiram lutar para que finalmente terminem a construção do prédio que se encontrava fechado e com algumas modificações pendentes.

A nova sede da Escola Municipal Genildo Miranda traz uma proposta inovadora para comunidade escolar e para a própria região, a começar pelo seu nome: Escola Verde. Durante a entrevista com a gestão da escola, o diretor justifica a não atualização do PPP ressaltando,

que “há muito tempo não se investe na atual escola, a gestão tem vários projetos que serão aplicados na nova escola. O primeiro deles é a construção de um novo PPP”. Sabendo que o mesmo é fundamental para que as ações do ano letivo sejam direcionadas.

A segunda observação aconteceu em um cenário urbano, na cidade de Mossoró/RN, na Escola Estadual Aída Ramalho Cortez Pereira. A escolha foi feita também a partir das vivências, onde já foi frequentada por uma das discentes. A escola atende do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, nos horários matutino e vespertino. Seu público alvo são alunos/as de várias partes da cidade, bem como zonas periféricas e também de zonas rurais vizinhas, que se deslocam através de ônibus municipais.

De início, a gestão escolar recebeu a proposta com todo amparo necessário, e nos possibilitou várias estratégias como a indicação de uma professora para acompanhar nas observações. Os dias que poderiam ser usados para entrevista acerca do Projeto Político Pedagógico da escola, e a disponibilidade de repassa-lo, já que o mesmo está em uma plataforma digital.

A primeira visita começou com um apanhado de informações sobre a escola, pois muitas coisas estavam passando por modificações que partem da nova reformulação do Ensino Médio no Brasil, onde essa é uma das primeiras da cidade a atender ao Pró-Médio Semi-Integral. Com essa grande modificação na estrutura de ensino, a escola está em fase de adaptação em seu primeiro ano de funcionamento.

As mudanças começaram pelo Projeto Político Pedagógico da escola, que não estava desatualizado, pois datava um ano anterior à realização da observação. Segundo a direção precisaria modificar o Projeto Político Pedagógico da escola totalmente para atender aos próximos anos, onde mudaram os turnos, os componentes curriculares, a tabela de professores, os novos funcionários, e todos os projetos. Seria preciso acrescentar ao documento o ensino técnico que não estava presente no PPP da escola.

A proposta é que os alunos passaram a estudar os conteúdos de cada ano normalmente pela manhã e pela tarde funcionará o curso técnico e algumas disciplinas optativas como: Mundo do Trabalho, Protagonismo Juvenil, Acompanhamento Pedagógico, Iniciação Científica e Pesquisa entre outras disciplinas.

Antes de todo processo acontecer, a escola começou com pequenas mudanças nesse determinado ano (2017)³, onde atenderia o curso técnico nos dois horários, onde o aluno que

³ Ano de realização das observações nas escolas.

se matriculou no turno matutino passaria a cursar três vezes na semana o horário vespertino, mas para ensino da grade do curso, e vice-versa.

Partindo agora para observação das práticas pedagógicas, a professora que observamos é formada em Física, mas além de Física, ela leciona Iniciação Científica, uma disciplina do Ensino Técnico, assim ela atua nos dois horários. Na observação, ela nos informou ser uma das novas professoras do quadro de funcionários, e que não tinha participado da reformulação do Projeto Político Pedagógico da escola, mas que já estavam sendo programadas reuniões que ela começaria a participar.

Fazendo um grande resumo de todos os métodos de organização e didática em sala, podemos descrever que presenciamos aspectos interessantes da prática da professora, pois em algumas salas a mesma conseguiu desenvolver bem todo o plano de aula, usando retroprojetor, quadro, e atividade em dupla e exercícios. Vale ressaltar, também que não presenciamos em nenhuma dessas atividades a contextualização do conteúdo com os vários meios em que os/as alunos/as estão inseridos, já que é importante, pois é uma escola que atende alunos da zona rural, áreas periféricas e outras localidades.

Um ponto importante observado foi o conhecimento dos alunos sobre os conteúdos trabalhados, pois houve reclamações sobre os assuntos, onde relataram ser “muito complicado” e não entendia como eram as fórmulas. A professora relatou que sentia que muitos alunos estavam atrasados sobre os conteúdos da física, pois é um conteúdo complexo de ensinar sem que eles tenham bases anteriores, o que gerou falta de interesse e impediam que prestassem atenção ou conversando bastante.

Entre as quatro turmas que acompanhamos a professora, percebemos que duas salas de séries diferentes, eram compostas por alunos/as regulares adequados ao ano e nessas não havia tanta interferência e a professora conseguia desempenhar toda sua aula de forma tranquila.

Entretanto, nas duas outras salas existia um déficit de reprovação, onde muitos alunos já eram de idades elevadas. Nestas a professora relatou que não conseguia reformular novas estratégias de ensino, pois os alunos não cooperam para que a aula funcione. Assim, sua metodologia se limitava ao quadro e ao livro. A mesma diz ter tentado várias estratégias sem conseguir êxito. Todas as observações aconteceram situações que confirmaram os relatos da professora, como exemplo, quando a professora levou um documentário que contextualizava com o assunto da aula, mas muitos alunos não ficaram em sala, quanto o filme ia passando muitos alunos saíam e assim atrapalhava os que tentavam entender.

Mas isso não faz com que a professora perca sua autoridade em sala de aula. Tudo que aconteceu ela soube administrar, sem deixar que alguns alunos atrapalhassem sua aula. Os alunos tinham que participar da aula, seja com perguntas, ou na prova. A professora foi justa na hora de dar as notas, dizendo que “não ia passar aluno que não estudasse ou mostrasse interesse na disciplina”.

Por fim, analisamos a estrutura física da escola. Constatamos que a mesma dispunha de um espaço bem amplo e com bastante iluminação, onde todas as salas eram forradas, tinham central de ar e cadeiras em boas condições, vários retroprojetores avançados, entre outras. A escola dispõe de dois pátios, 11 salas de aula, biblioteca, um pequeno auditório, secretaria, sala de professores, sala da direção, sala de instrumentos da fanfarra, cozinha e quatro banheiros. Com base em tudo que foi descrito é bastante claro que existem diferentes formas entre os cenários da Cidade e do Campo. Em vários pontos, as duas escolas se tornam distintas da mesma realidade educativa.

Começando pelo desenvolvimento da escola do Campo e a da Cidade, enquanto uma está passando por vários processos de melhorias para chegar a um Ensino Técnico, a outra ainda luta há anos para conseguir um prédio adequado e de qualidade, onde a escola urbana já dispõe de um local adequado para receber seus alunos. A estrutura escolar é uma ferramenta de apoio no processo de ensino-aprendizagem, e deve ser adequada ao espaço, pois segundo Monteiro e Silva, “uma escola necessita de instalações e materiais de qualidade, pois o processo de ensino-aprendizagem é muito complexo e requer mais do que estrutura, ele requer competência e habilidade” (2013, p.28).

Outra diferença está no Projeto Político Pedagógico das escolas. O da escola urbana está atualizado, mas ainda precisa de melhorias para que funcione ainda melhor, enquanto o da escola do Campo não é atualizado há anos, também por falta de muitos materiais que necessitam para que funcione. Assim, a escola não utiliza o PPP durante todo o ano, apenas cria estratégias com ferramentas que surgem ao longo do ano, e isso não pode acontecer, pois o Projeto Político Pedagógico da escola é uma base que liga todos os membros em estratégias que sejam adequadas segundo o olhar do coletivo. Nesse deve estar contido todas as características do meio, não deve ser um documento guardado, mas utilizado diariamente. Segundo a visão de Gadotti (2000, p.38):

Um projeto político-pedagógico da escola deve constituir-se num verdadeiro processo de conscientização e de formação cívica; deve constituir-se num processo de repercussão de importância e da necessidade do planejamento na educação.

Onde o mesmo pode ser um aliado para o desenvolvimento de qualquer um dos pontos citados, como exemplo a prática pedagógica. Sobre esse ponto, vimos que é algo bem difícil de compararmos, pois o público é variado, mas é necessário que criem estratégias para que a educação funcione em todos os âmbitos educacionais, sejam alunos do campo, da periferia, ou da zona urbana. A educação deve ser pensada através do contexto em que o sujeito está inserido, como é o caso do professor da escola do campo, que pensou no local para poder trabalhá-lo no conteúdo.

A professora da cidade tem suas práticas que funcionam, mas para que possa ter total desempenho na escola, ela precisaria repensar juntamente com a gestão escolar modos de atrair os alunos para que nenhum perca o processo de ensino e aprendizagem, pois muitos alunos já vêm de situações críticas, e a escola tem que ser o cenário de conhecimento sobre essas situações, e de libertação.

E nessa perspectiva surgiram muitos outros pontos que poderiam ser modificados para que as escolas obtenham um desenvolvimento legítimo, com as ferramentas certas, e trabalhando para o surgimento de toda formas de inclusão dos sujeitos.

CONCLUSÃO

Concluimos aqui que, através dessa prática conseguimos ver a verdadeira relevância do fazer pedagógico, onde a docência e a estrutura do local falam por si, e através delas poderemos captar informações que foram construídas e moldadas nesses cenários. Assim, a formação docente está totalmente ligada a essas estratégias, onde aprender também é saber questionar e observar.

A partir das informações coletadas nas escolas do Campo e da Cidade conseguimos observar que na região Oeste Potiguar, ainda existem casos que mostram uma desvalorização com o meio rural escolar no quesito estrutura. E que no meio urbano possui uma qualidade melhor, como foi abordado no início da pesquisa. No entanto, não sobressai, nessa experiência, no fazer pedagógico, pois ter uma estrutura pode sim ajudar no ensino, mas antes disso vem à prática do professor em sala de aula, que com a prática adequada ao cenário consegue ter um processo de ensino e aprendizagem mais significativo para docentes e discentes. Esse estudo é fundamental para todas as partes do estado ou até mesmo do país, pois busca compreender características da base do ensino no Brasil, através da perspectiva campo-cidade.

Assim, esse trabalho traz essa proposta de levar exemplo dos meios estudados para ser uma guia ou até exemplos a serem seguidos, mas o que esperamos é por melhorias na qualidade da educação brasileira, onde todos tenham o direito por uma educação digna e de qualidade seja no Campo ou na Cidade, com iguais estruturas e condições e trabalho e de aprendizagem.

Esse não deve ser o único artigo sobre o assunto, procurar mais autores que falem da educação do campo e da cidade é algo que deve ser contínuo para qualquer profissional da educação que busca melhorar cada dia mais, aprendendo o que move cada meio e cada região, para assim melhorar juntos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. **As Leis De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional (LDB)**. Art. 28. LEI Nº 9394, De 20 De Dezembro De 1996 – Estabelece As Diretrizes E Bases Da Educação Nacional.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm

Acesso em: 14 de agosto de 2018

CARDOSO, A. A.; DEL PINO, A. B.; DORNELES, C. L. **Os saberes profissionais dos professores na perspectiva de Tardif e Gouthier**: contribuições para o campo da pesquisa sobre o saber docente no Brasil. In. IX. ANPED SUL Seminário em pesquisa em educação da região sul, 2012, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em:

<http://www.VCS.br/etc/conferencias/index.php/anped/paper/vienFile/688/557>

Acesso em: 14 de agosto de 2018

FARIA, Tereza Cristina Leandro de. **Práticas pedagógicas em debate**: Relatos e experiências. Natal: Infinita imagem, 2010, p. 25-45.

GIL, A. C. (1999). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. – São Paulo: Atlas.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 26p.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **O Projeto Político-Pedagógico da escola**: na perspectiva de uma educação para a cidadania. In.: _____. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 35-39.

MONTEIRO, Jéssica de Sousa; SILVA, Diego Pereira da. **A influência da estrutura escolar no processo de ensino-aprendizagem**: uma análise baseada nas experiências do estágio supervisionado em Geografia. Geografia Ensino & Pesquisa, Dez., 2015. v. 19, n.3. p.19 a 28.

ROSSI, Rafael; GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini di. **Paulo freire e educação do campo**: da invasão à ocupação cultural para a liberdade. S.L: Campo-território, abr., 2014. v. 9. n. 17, p. 652-671.